

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO ATRELADO AO ENTENDIMENTO DE NATUREZA E SOCIEDADE *

Sílvia Regina PEREIRA**

Iniciemos com algumas indagações a respeito das concepções que se tem atualmente sobre a ciência geográfica, bem como as categorias e conceitos que a compõe. O que é Geografia? Qual seu objeto de estudo?

A configuração filosófica que se tem hoje é fruto de muitas discussões acerca de várias concepções dos mais diferentes pensadores dessa ciência, que reuniram, com suas diferentes posturas filosóficas, conceitos para serem revistos e rediscutidos, procurando por meio da superação dos pensamentos, explicar a realidade, de acordo com o momento histórico.

Nesse sentido é importante considerarmos a trajetória da Geografia, na construção do seu pensamento, entendendo e considerando o momento histórico e sua importância para explicar a realidade e também considerar o espaço, pois tempo, espaço e história são imprescindíveis para entender a Geografia. Não podemos, pois, deixar de ressaltar que desde os primórdios da civilização já havia estudos com caráter geográfico, principalmente na Idade Média, com estudos religiosos, de viajantes, comerciantes e navegadores que tinham uma preocupação em conhecer o território, bem como os habitantes e também os elementos do meio, que desde esses estudos mantinham relações com o homem. Mas nos remeteremos a um período de maior consolidação desse estudo, com alguns dos pensadores, tendo como ponto de partida os estudos de Humbolt, pela bibliografia que nos dará suporte para essa explanação, deixando claro que essa se refere a apenas parte do pensamento geográfico, visto a amplitude da temática não nos propomos a esgota-la.

É importante ressaltar que a construção do pensamento geográfico, como já está explícito na própria palavra e afirma Moraes(1989), é um processo e desse modo precisa ser entendido, como os conceitos que a compõe, de acordo com o momento histórico, para só assim entendê-lo na sua essência.

Nos remetendo ao período das primeiras formulações sobre essa ciência, não podemos deixar de lembrar o que Humbolt, considerado como pai da Geografia, concebia a seu respeito, não deixando de nos atentar para o momento histórico, para os conceitos e elementos destacados e como a relação homem-meio, ou hoje denominado sociedade-natureza, eram e são diferentemente abordados.

Dentro do que se constitui e denomina-se Geografia Tradicional, tem-se a filosofia do positivismo, cujo estudo se faz por meio de classificação, enumeração dos elementos, sendo bastante empiricista. Desta forma a explicação e entendimento da realidade nas relações e correlações por parte desses pensadores apesar de serem hoje

* Texto elaborado na prova de conhecimentos geográficos para fins de seleção para o Curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP em Novembro de 1998.

** Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 – Presidente Prudente – SP – Brasil.

consideradas limitadas, precisam ser interpretadas de acordo com o momento histórico a que se referiam. É importante ressaltar que essa filosofia e corrente teórica continua sendo vista por muitos como não adequada para explicar a realidade atual e, com a presença de resquícios na Geografia, ela é fortemente criticada, não sendo entendida muitas vezes como parte de um processo de construção que contribuiu muito para as concepções que temos hoje e também para a constituição da Geografia.

O conhecido Humbolt, através dos conhecimentos que organizou com base nas suas viagens pelo mundo, entendia a Geografia como estudo do cosmos (sendo este o título de uma de suas mais conhecidas obras), considerando o homem que habitava esse universo na sua relação com o meio. Para ele, o meio determinava as condições de vida do homem, sendo a sua teoria regida pelo determinismo. Seu estudo era empírico, descritivo, classificatório e as relações entre o homem e meio ou como queiram sociedade e natureza, eram enfocadas de acordo com as imposições do meio. Entendendo o contexto em que isso ocorreu, tinha-se na Alemanha uma transição do feudalismo para o capitalismo, estando em processo a constituição do Estado Nacional. Moraes (1989), diz que a Geografia poderia ter sido utilizada como suporte para entender o território e a organização do espaço, mas sua utilização recebeu o caráter meramente empiricista desse pensador. Mas será que a sua utilização não era adequada para a época? Assim vemos como se pensava pelo viés da Geografia as relações sociedade-natureza naquela época, entendendo a inserção e evolução dessa categoria ao longo do tempo, sendo preciso considerar o contexto e não simplesmente critica-la com base no que vemos hoje.

Com Ratzel não houve muitas diferenças, mas sim uma preocupação maior com o homem, que vai ser o referencial de seu pensamento, se constituindo em obras importantes como a Antropogeografia. Nesse momento, o Estado Nacional na Alemanha já havia se consolidado, sendo que as características desse momento interferiram fortemente nas suas formulações, servindo como temas para a Geografia, o entendimento do homem com o meio, a sua organização e o território. Poderíamos aqui falar de uma relação sociedade-natureza mais evidente, embora em todos os momentos essa relação exista? Bom, a relação apesar de existir, começava a ser pensada mais fortemente nesse momento pelo fato de haver uma grande preocupação com o homem por Ratzel.

Referindo-nos ao pensador francês La Blache temos uma outra conotação do pensamento geográfico. A realidade francesa da época havia varrido os resquícios do feudalismo e fora palco da Revolução Burguesa que deixou suas marcas impressas nesse cenário. La Blache, mesmo que com o caráter empiricista dos pensadores anteriores e com a idéia do determinismo, não era simplesmente determinista, pois para ele o homem que tinha possibilidades de modificar e de melhorar o meio, dando origem ao chamado Possibilismo, onde o meio podia ser uma possibilidade para a humanidade. Aqui cabe ressaltar que o Estado apoiava a Geografia, pois em conflito com a Alemanha perdeu territórios. Nesse sentido, segundo o Estado, era preciso conhecer o espaço, o território para conseguir mantê-lo e não ter sido "derrotado" pela Alemanha. Assim a questão do espaço, da configuração geopolítica, do território se constituíam como temas principais trabalhados pela Geografia. Mas e a relação sociedade-natureza como era enfocada? As relações homem-meio eram vistas em espaços segmentados, descolando a análise do espaço do seu movimento como um todo. Tanto Moraes (1989), como E. Demartone (1954), revelam o direcionamento do estudo geográfico para as questões humanas, constituindo a Geografia Humana que buscou entender a utilização do meio pelo homem. Esse pensador considerava o homem como categoria genérica, não diferenciando-o em classes e o meio era para ser explorado, não se detendo nas questões de apropriação e das

relações de produção sobre o mesmo. O Possibilismo favoreceu a expansão do capital monopolista no mundo de acordo com os interesses imperialistas, desta forma ela teve uma serventia.

Já Hartshorne, trouxe inovações para essa ciência quando defendeu a ideia de que cada ciência precisava ter o seu método próprio, sendo que nas concepções dos pensadores que o antecederam a Geografia era tida como ciência sintética, sendo possível utilizar o método das ciências naturais por transitar em diferentes áreas. Fica claro que essa denominação de ciência sintética exprimia a vaguidade que havia com relação a definição do objeto de estudo, o que de certa forma perdura até hoje. Com Hartshorne as relações entre sociedade e natureza não receberam grandes determinações, sendo esta, a última tentativa de erradicar o positivismo que marcou todas essas concepções que até aqui se estabeleceram. Mesmo com seu caráter eminentemente empiricista, as inter-relações e explicações da realidade eram de acordo com as preocupações da época, tendo assim que entender o momento que vivemos e não criticar outros momentos com base na nossa realidade, pois esses estudos serviram, de certa forma, como ponto de partida para as análises, discussões e renovações no pensamento geográfico que se configura hoje.

A questão sociedade-natureza muitas vezes foi e em alguns casos continua sendo vista como dicotomizada por pensadores e até mesmo nessas concepções já citadas, pois dizem que não consideram as inter-relações e contribuem para a permanência do positivismo e para a não explicação por parte desses cientistas das contradições inerentes ao nosso mundo. Essa é uma grande crítica que se faz com relação às questões referentes a sociedade e natureza, que não há por parte de muitos pensadores e estudiosos da geografia a preocupação com as inter-relações referentes às questões. Mas o que vemos são críticas às épocas passadas, por enfocarem mais ou menos um elemento ou outro, se referindo a dicotomias. Será que tais estudos não consideram o homem ou o meio ou será que pelo enfoque dado não ficavam explicitos as relações? Precisamos repensar tais estudos para compreender a lógica e não simplesmente classifica-los como empirista, positivista, pois as relações, estudos e compreensões vão se refazendo com o passar da história desse pensamento, que teve como base as formulações iniciais, mesmo que com determinadas características.

Com a necessidade que se tem de dar conta do movimento, da contradição, se faz necessário rever o pensamento geográfico e as suas interações. A partir da década de 70, começa-se um movimento de renovação da Geografia.

Assim temos o surgimento da geografia pragmática, que se desdobrará em geografia teórica, quantitativa, que continua com a preocupação da geografia tradicional, regida pelo positivismo. Ou seja, preocupa-se com métodos quantitativos, com a classificação e enumeração de dados. Há um movimento de "renovação", mas apenas é dada uma nova roupagem à geografia tradicional que se tinha. Refazemos novamente a grande questão, como é abordada a relação sociedade-natureza, nesse momento de renovação? Vemos que os fenômenos físicos e sua enumeração são bastante trabalhados, e assim para muitos pensadores não houve grandes saltos na compreensão da questão que se assola em nosso mundo e que o define.

Por outro lado, surge a geografia crítica que vai se preocupar com o entendimento do real por meio de suas contradições, visando a transformação da realidade. Essa característica é o que a diferencia das demais visões que, segundo muitos pensadores, vão se preocupar apenas com a aparência e com o visível, não dando conta do real por este abrigar também o invisível. Nesse sentido, a geografia crítica procurou e assim permanece com essa preocupação de ir além da forma, apreendendo o espaço no seu aparente e nas

suas inter-relações, o que se encontra além da aparência. Nesta concepção, a geografia tem o papel de entender as contradições que se encontram no real, regidas pela relação homem-meio ou sociedade-natureza. É a partir dessa corrente teórica que nos colocam vários autores, com suas concepções que vão variar de acordo com o enfoque e objeto por eles considerado dentro da geografia, que se diz que há uma preocupação em entender a realidade e as relações inerentes a mesma. Assim, a geografia crítica é tida como ideal, como a mais completa e com base nessa concepção que é voltam as críticas às outras concepções anteriores, não considerando muitas vezes que para se chegar a essa foi preciso tomar como base as outras e a partir dessas reformulá-las. Mesmo havendo atualmente resquícios das concepções que são amplamente criticadas, é preciso considerar que alguns pensadores e autores de hoje não buscaram a superação de acordo com o momento que vivemos e não simplesmente criticar as concepções formuladas em outro momento histórico.

Com relação ao objeto tido como central na geografia, o espaço, este e amplamente considerado recebendo diferentes expressões. Lipietz, afirma que o espaço precisa ser entendido, como configuração espacial que se define pela estrutura social, ficando claro a importância da sociedade na compreensão do espaço, mas esse autor se refere muito a natureza no seu sentido amplo e ao espaço como locus de relações sociais entre o homem e o espaço, abarcando de certa forma o meio. Desta forma o espaço, bem como os seus elementos principais, sociedade, natureza são diferentemente enfocados.

Marx e Engels já se referiam a apropriação desta pela capital, como forma de extrair lucros. É essa uma das considerações mais importantes por considerar o elemento humano como apropriador e transformador da natureza, sendo esta a grande preocupação do capital.

Santos nos fala que na sua relação com o meio, o homem transformou a natureza tida como primeira, sendo que esta como tal já não mais existe, ou seja esta morta, no sentido de sua total transformação.

Souza, nos mostra que não podemos deixar de entender a relação sociedade-natureza com a unicidade que possuem, pois ambos elementos estão interligados e sempre estiveram numa interação e transformação. Ou seja transformação da natureza pelo homem é conseqüentemente uma interação num movimento de apropriação e utilização dos recursos pelo homem.

A natureza deve ser considerada como uma questão social, pois temos que entendê-la na sua apropriação, que ocorre de forma diferenciada pelos indivíduos da sociedade, contribuindo e sendo uma das questões que nos permite entender e evidenciar as desigualdades sociais. O modo de produção capitalista, sistema no qual estamos inserido, se apropria dos elementos ditos naturais e os transforma de acordo com as suas necessidades e interesses de se obter lucro, não importando em momento algum, as condições destes e as diferenças de apropriações.

Será que para o capitalismo há essa dicotomia, que há muito se faz presente na geografia, entre sociedade e natureza, apesar da relação entre esses, mesmo que não enfocadas, existir? A lógica de apropriação desse sistema não vê grandes distâncias e sim o que a natureza, a sociedade e a suas relações podem lhe oferecer, e nesse sentido que tal lógica se dá.

Já na geografia, durante algum tempo, alguns pensadores enfocaram um elemento ou outro, não se referindo muito a essas relações que na verdade sempre existiram, mas em alguns momentos foram diferentemente abordadas e enfocadas. Com a preocupação de explicar o movimento da realidade e superar alguns estudos e concepções

que não trabalharam diretamente as relações entre essas duas categorias, a geografia foi sendo reformulada, para assim entender a relações, revertendo o quadro e como ciência explicar melhor as dinâmicas.

Gonçalves nos diz que os geógrafos se preocupam com a cronologia dos fatos, não que a história não seja importante, mas que esses não procuram entender as relações e as interfaces na passagem que ocorrem de uma concepção para outra e de acordo com o contexto que se inserem. Nesse sentido, o referido autor diz que os geógrafos quando não conseguem explicar, colocam a culpa na geografia, dizendo que ela está em crise. É preciso entender essa crise com base nos paradigmas, como este sociedade-natureza e entender a dinâmica do real, procurando superar tais indagações existentes.

Como diz Santos, é preciso que os geógrafos encarem os problemas do real no intuito de responder as questões que se colocam para a geografia que, como ciência, tem um papel importante a desempenhar no entendimento das relações que se colocam entre sociedade e natureza.

Teremos assim diferentes visões do que é geografia e também do seu objeto. O que importa pois é entender o que se denomina hoje por geografia e se esta consegue explicar a contradição inerente ao nosso mundo, se assim não for, não servirá para muito, pois reunir dados e elementos, classificar e enumerar já fazia parte da geografia tradicional. Se houve esse processo de construção, ele precisa ser considerado para que possamos superar as concepções que certamente serviram de ilustrações para aqueles que iniciaram tais estudos.

Cabe ao geógrafo muito mais que ver o movimento do real, fazer com que o exercício geográfico seja colocado em prática no intuito de se evidenciar as contradições e desigualdades existentes na nossa sociedade, buscando de alguma forma contribuir para a transformação da realidade, pois é com esse objetivo que se originou a geografia crítica. Embora ainda existam resquícios da geografia tradicional e conseqüentemente do positivismo, ela precisa ser entendida de acordo com a época em que foi formulada e que a sua utilização por alguns pensadores atualmente, nos mostra que não houve, por parte desses, uma superação e não simplesmente criticar a concepção que se adequou ao momento histórico e serviu para o que encontramos hoje. Tem-se que a geografia, o objeto e as suas concepções se definirão pelas concepções e visões dos mais variados geógrafos que temos, assim nossa prática e ação nos definirá. As diferenças serão tantas quanto forem os geógrafos.

Desta forma consideramos que tanto o pensamento geográfico quanto o paradigma sociedade-natureza não podem ser entendidos sem serem contextualizados histórica e filosoficamente, pois se constituem como parte do movimento do real e receberão diferentes conotações, de acordo com o local, época e pensadores. Estes, ou seja, tanto o pensamento geográfico como a visão sociedade-natureza estão e estarão se adequando aos movimentos da realidade, não sendo pois "corpos fechados".

Referências Bibliográficas

- GONÇALVES, Carlos V. P. A geografia está em crise: viva a geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 55, p.05-29, 1978.
- LIPIETZ, A. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1987.
- MARTONE, E. De. **Princípios da geografia humana por Vidal de La Blache**: a marcha da humanidade. Lisboa: Cosmos, 1954.

- MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec., 1995.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SANTOS, M. Para que a geografia mude sem ficar a mesma coisa. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.59, p. 05-22, 1982.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.